

Santiago, de *salao* a mártir: as transformações do *ethos* em “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway

*Santiago, de salao à martyr:
transformations de l’ethos dans «Le vieil homme et la mer», d’Ernest Hemingway*

SAMUEL CAETANO COSTA PEREIRA

Licenciando em História pela Universidade Federal de Goiás

E-mail: samuu@msn.com

Resumo: Este artigo objetiva compreender a transformação do *ethos* de Santiago, o protagonista de “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway (2012). O estudo parte da perspectiva teórica da Análise do Discurso e toma, como principais referências, Maingueneau e Pêcheux. No começo do artigo, apresenta-se esse arcabouço teórico e um breve histórico da Análise do Discurso com a consequente definição da categoria do *ethos*. Em seguida, é desenvolvida a análise com a apreciação dos trechos do livro em que se define e transmuta o *ethos* de Santiago. A princípio, seu *ethos* é o de um *salao* (ou seja, “azarado” na gíria cubana), além de ser um velho, pobre e forte pescador. Depois, em sua viagem marítima, sofre uma transformação rumo a um *ethos* segundo, o qual depende dos elementos anteriores em sua reformulação. Doravante, Santiago se torna mártir, sobretudo após um intertexto bíblico com a *Via Crucis*. O estudo conclui que o *ethos* modificado do protagonista é determinante na compreensão da obra e lhe garante sua magnitude literária, já que o discurso da persistência do livro fala muito *de* e *para* o seu contexto de produção discursiva.

Palavras-chave: *O velho e o mar*. Ernest Hemingway. *Ethos*.

Résumé: Cet article a l’objectif de comprendre la transformation de l’*ethos* de Santiago, le protagoniste de « Le vieil homme et la mer », d’Ernest Hemingway (2012). L’étude part de la perspective théorique de l’Analyse du Discours et a, comme principales références, Maingueneau et Pêcheux. Au début de l’article, on présente ce cadre théorique et un bref historique de l’Analyse du Discours avec la conséquente définition de la catégorie de l’*ethos*. Ensuite, on développe l’analyse avec l’observation des extraits du livre dans lesquels l’*ethos* de Santiago se définit et se transforme-t-il. D’abord, son *ethos* est cela d’un *salao* (c’est-à-dire, « infortuné » dans l’argot cubain), au delà d’être un vieux, pauvre et fort pêcheur. Après, au cours de son voyage maritime, il souffre une transformation vers un *ethos* deuxième, qui dépend des éléments antérieurs dans sa reformulation. Désormais, Santiago devient martyr, surtout après un intertexte biblique avec la *Via Crucis*. L’étude conclut que l’*éthos* modifié du protagoniste est déterminant dans la compréhension de l’oeuvre et lui garantit sa grandeur littéraire, puisque le discours de persistance du livre parle beaucoup *de* et *à* son contexte de production discursive.

Mots-clés: *Le vieil homme et la mer*. Ernest Hemingway. *Ethos*.

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Publicado em 1952, “O velho e o mar” é certamente o livro mais aclamado e mais bem recebido de Hemingway, tendo-lhe rendido o prêmio Nobel da Literatura de 1954. É uma fábula sobre a força, a persistência e a coragem humana que comove, porém é preciso compreendê-la não apenas emotiva, mas racionalmente, isto é, deve ser estudada para além de sua recepção e das emoções que desperta, compreendendo-se os elementos discursivos que a permeiam, informam e enriquecem. O estudo do *ethos* de Santiago, o velho protagonista, é um desses elementos, porque o percurso discursivo é um dos mecanismos de que Hemingway se vale na criação dessa obra.

Até o presente momento as análises do livro são de viés predominante, se não quase exclusivo, dos estudos literários: desde as perspectivas estilística, biográfica, do imaginário etc. Da necessidade de uma nova compreensão discursiva de “O velho e o mar” surge este trabalho: um estudo do *ethos* da personagem Santiago a partir das concepções de Maingueneau (2008), de acordo com o qual o *ethos* se caracteriza como o caráter de algo ou alguém em sentido amplo, isto é, como dada coisa ou pessoa é apreendida ou compreendida por seus interlocutores, conforme veremos adiante. Considerando que, em “O velho e o mar”, o *ethos* da personagem Santiago sofre uma mudança, nosso percurso analítico observará como se dá a trajetória do seu *ethos* primeiro para o seu *ethos* segundo e descreverá ambos.

O artigo divide-se em dois momentos. No primeiro, *Da fundamentação teórica*, são apresentadas concepções de língua, texto e discurso oriundas da Análise do Discurso (doravante AD) como base para definir o conceito central de *ethos*. Já o segundo momento, *Do ethos de Santiago*, é a análise do percurso discursivo em que se manifestam o *ethos* primeiro de Santiago, seu *ethos* segundo e a trajetória que leva daquele a este. Tal análise considerará as condições de produção do livro, que dizem respeito ao seu contexto histórico-social, concluindo como o trabalho com o *ethos* do protagonista garante à obra sua magnitude.

2 DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A AD é um campo de estudos relativamente recente. Sua origem se dá em meados do século XX com Michel Pêcheux e sua epistemologia conjuga Linguística, Psicanálise e Marxismo. Essas três ciências, fundamentadas respectivamente em Saussure, Freud e Marx, têm suas obras basilares relidas por Pêcheux, Lacan e Althusser, autores que as inovam porque trazem à tona interpretações atualizadas e transdisciplinares das teorias originais.

À guisa do discurso, que atravessa os enunciados, a psicanálise atravessa a *episteme* da AD. Segundo Teixeira (2005), o legado da psicanálise é essencialmente a influência na concepção de sujeito do novo campo, porquanto, na definição da AD, não cabia um sujeito idealista, cartesiano, autônomo. Tampouco sendo possível igualar o sujeito gramatical ao sujeito enunciador, Pêcheux utiliza-se das ponderações psicanalíticas sobre a subjetividade para proclamar o sujeito da AD. Dado que o sujeito não é de todo assujeitado, como o afirma a leitura althusseriana de Marx, donde vem a contribuição da História para a disciplina em questão, o sujeito da AD será formado em

sua alteridade, o que significa que o sujeito se forma sempre em relação ao outro, não apenas submetido a este.

O enunciado, conjunto de signos que é “produto da interação de indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1992, p. 112), é definição essencial do novo campo, pois é por meio dele que se podem apreender as diversas vozes sociais que atravessam e formam o sujeito. Essas vozes são resultantes de um processo histórico, por conseguinte também o será o sujeito; dado que são heterogêneas e complexas, temos que o sujeito é constitutivamente dialógico. Nesse sentido, os enunciados e os sujeitos não se esgotam, porque, devido à heterogeneidade dialética das vozes, o processo histórico é infinito, isto é, constantemente inacabado. Concluimos que o sujeito não é fruto determinista da História e das relações sociais, porém não pode ser compreendido à parte das influências externas.

Do legado de Althusser fica patente, além do sujeito, também agora a importância da ideologia. Leitor de Freud e Lacan, Althusser lega à AD a noção de ideologia como reprodução e permanência das relações de produção. Em sua teorização, ele diferencia “ideologia” de “Ideologia”. A primeira se liga à expressão de posições de classe (política, religiosa, moral), enquanto a segunda, dominante, é a “relação imaginária dos indivíduos com as relações reais de sua existência” (GEDRAT, 2006, p. 128), ou seja, as relações entre os indivíduos em suas específicas condições de produção de discurso. As ideologias, na AD, são inerentes aos textos; compõem-nos e determinam o que é lícito e o que é ilícito que seja dito, as concepções e visões de mundo dos enunciadores. A ideologia cria mecanismos para sua manutenção, visto que representa uma ordem vigente que não se quer alterada. Nessa linha, a escola, a religião, o trabalho e até o lazer são mecanismos por intermédio dos quais as ideologias atuam e se mantêm. Sua manifestação, para a AD, se dá nos enunciados e ela permite que o sujeito encontre, conforme Teixeira (2005, p. 75), “uma imagem consoladoramente coerente de si mesmo, refletida no ‘espelho’ de um discurso ideológico dominante”.

Finalmente, dado que a AD analisa materialidades linguísticas em suas condições de produção, a linguística saussuriana dá os instrumentos de análise gramatical, fechada, que complementam o trabalho de análise discursiva, a qual, por sua vez, conta com outros instrumentos, tais quais os que acabamos de ver: as noções de ideologia e sujeito. Para além disso, é importante lembrar que Saussure (2002) inovou a ciência como um todo ao trazer-lhe a noção de estruturalismo, concepção segundo a qual a língua se constitui, qual estrutura, nas relações que seus elementos têm entre si. Essa noção foi expandida para outras ciências, porém, a partir da década de 60, o estruturalismo passou por forte revisão. Pêcheux (1990) observava então certo desgaste do estruturalismo e, visto que a AD se volta ao campo do sentido, Pêcheux rompe com o estruturalismo e com a teoria do valor saussuriana por seu furo na polissemia contextual. O estruturalismo, enquanto teoria que não lida com o social da língua, não pôde abarcar uma análise cujo enfoque social é fundamental – crítica apreensível nas reflexões de Bakhtin e Volochinov (1992).

Essa é parte da história da AD. Parte porque, em verdade, os resultados dessas várias reflexões não foram imediatos. As concepções de Pêcheux para a AD se foram formando aos poucos. Para tratar disso, costuma-se dividir a história da AD em três fases: AD1, AD2 e AD3. Fernandes (2007) sucintamente explica cada uma das fases: o

autor fala da noção de “maquinaria discursiva” fechada em si na AD1, em que se tem um sujeito assujeitado, proveniente de Althusser, e iludido de sua emancipação e autonomia. Nesse momento, Pêcheux (1990) tentava reunir traços discursivos empíricos e hipotetizava a dominação destes por uma única maquinaria discursiva. Já o discurso, nesta primeira fase, era compreendido “como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, sendo também homogêneo” (FERNANDES, 2007, p. 87).

Na segunda fase da AD, Pêcheux (1990, p. 314) “começa a fazer explodir a noção de maquinaria estrutural fechada uma vez que o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com seu exterior”. Nesse momento, o fundador da AD percebe que umas formações discursivas levam a outras em uma rede infinita, e agora a noção de interdiscurso dá seus primeiros passos, embora a noção de sujeito discursivo assujeitado permaneça a mesma que a da AD1. Finalmente, a AD3 termina com a noção de maquinaria discursiva fechada. Isso permite o surgimento de noções como “heterogeneidade”, “enunciação” e o fim de outras como “neutralidade sintática”. A AD3 é a que chega ao Brasil e aqui toma caminhos diversos, de acordo com o que afirma Fernandes (2007, p. 90).

Dadas essas considerações iniciais, tratemos agora mais especificamente de conceitos fundamentais para a Análise do Discurso (AD). Iniciemos com a língua:

[...] é uma atividade exercida entre falantes: entre aquele que fala e aquele que ouve, entre aquele que escreve e aquele que lê. A linguagem é um trabalho desenvolvido pelo homem – só o homem tem a capacidade de se expressar pela linguagem verbal. Nas relações do dia a dia, fazemos um uso (quase) automático da linguagem (por ex., em situações informais como em conversas com amigos, familiares etc.), mas em situações mais complexas (como em entrevista para trabalho, em uma conferência, falando com uma autoridade) exercer, dominar a linguagem é uma atividade trabalhosa, pois exige esforço, o desenvolvimento de um conhecimento lingüístico e de conhecimentos extra lingüísticos. Isto é, não basta saber a gramática da língua, mas tenho de saber também quem é a pessoa com quem falo ou a quem escrevo, tenho de ajustar a minha linguagem à situação em que estou falando, ao contexto em que o discurso está sendo produzido. (BRANDÃO, 2005, p. 2).

Disso retiramos que a língua se constitui não só como uma série de normas, mas como aquilo que o homem utiliza cotidianamente para se comunicar. É uma entre as formas de linguagem (visto que há outras, como a pictórica e a arquitetônica, que não são língua) em que se transmitem ideologias, valores, crenças etc. A língua é expressa na forma de textos, os quais são transpassados por diversos discursos.

Texto e discurso, por sua vez, são conceitos relacionados e, na superfície, de penosa diferenciação. Pode-se dizer, em resumo, que o texto é uma unidade com significado(s), ao passo que o discurso são os efeitos de sentido que essa unidade possibilita. Tanto um texto quanto um discurso não possuem uma delimitação: há textos grandes, de mil páginas, ou curtos, de uma palavra; já o discurso não possui um tamanho definível porque é um atravessamento, não propriamente expresso por palavras, embora

não prescindam delas ou de elementos imagéticos, por exemplo, para existir. O texto *constitui* o discurso, porque expressa a proveniência de ideias e concepções intrínsecas do enunciador. O discurso é o que se pode apreender de um enunciado; já o texto surge a partir de determinadas condições de produção e não é atravessado por apenas um discurso, mas por vários, porquanto é heterogêneo, isto é, atravessado tanto por outros textos, citados direta ou indiretamente, quanto por vários discursos, o que o forma à guisa de colcha de retalhos.

Enfim, o texto formado por diferentes “tecidos” discursivos, observáveis à parte, mas inseparáveis do todo pela conexão estabelecida que gerou o próprio texto e seus discursos. Se a língua não é um instrumento fora da História, também não o são o texto e o discurso, cuja temporalidade é de ordem interna, relacionando-se com o mundo de dentro para fora, portanto carregados de historicidade. Logo, o sentido de um texto só pode ser definido se inserido na História. O sentido, ou melhor, os efeitos de sentido que um texto pode ter, assim denominados porque variam conforme as condições de sua produção, são aquilo que se compreende de dado enunciado. É, pois, a formação discursiva, para Pêcheux, que será decisiva para o efeito de sentido que se apreende.

Ainda para compreender os efeitos de sentido de um texto, os locutores devem recorrer às suas memórias discursivas. É nelas que os sujeitos se baseiam com vistas à compreensão dos efeitos de sentido, embora elas sejam posse do social, e não do indivíduo. Transpassada pela ideologia, a memória discursiva é parte do conjunto de discursos que mantêm dada ordem, ou desejam romper com ela. Não obstante seja esquecida no cotidiano, não autoconsciente, essa memória vem recorrentemente à tona entre os sujeitos.

Dois conceituações ainda se fazem necessárias: a de intradiscurso e de interdiscurso. Vimos que Althusser traz o conceito de ideologia para a AD, a partir do que se cria a concepção de intradiscurso. O intradiscurso opera sobre si mesmo, isto é, subentende diversas noções em sua própria estrutura. O intradiscurso, ligado à infraestrutura, por sua vez conceito base de produção, também funciona como base, no sentido de que compreende o arcabouço linguístico, simbólico, literário, político, enfim, ideológico de um texto; é, pois, apenas parte de um discurso maior aceito pelos sujeitos. Se o *intradiscurso* se liga àquilo que é interno ao texto, o *interdiscurso* se tratará das relações que os discursos estabelecem entre si. Este está na composição de um texto, de seus arranjos de sentido, das diversas relações de usos da linguagem, tudo isso em relação às formações discursivas dos textos, isto é, relativo aos discursos que os transpassam. Vê-se que um discurso tem determinados efeitos de sentido se compreendidas as formações discursivas que o compõem. Em outras palavras, o interdiscurso é a relação entre o texto e suas formações discursivas, o modo como se articula com os discursos que transpassam a ambos.

Compreendidos os conceitos-chave da AD, definamos agora o conceito de *ethos*:

A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma

SANTIAGO, DE SALAO A MÁRTIR:
AS TRANSFORMAÇÕES DO *ETHOS* EM “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY

“vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. O termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17-18).

Maingueneau demonstra que o *ethos* é um conceito proveniente da Antiguidade grega, o qual, no entanto, chegou ao tempo atual com a possibilidade de ter seu estudo ampliado para qualquer tipo de texto. O *ethos* seria a criação de uma imagem do enunciador por parte de dado fiador (interlocutor). Essa imagem é construída pelas imagens que o enunciador tem de si, de seu interlocutor, de suas relações com este e de seu próprio enunciado, somadas às imagens que, por sua vez, o interlocutor tem, igual e reciprocamente, do seu enunciado, de si, de seu enunciador e das relações destes dois. Somam-se a isso representações estereotípicas e sociais, as quais determinam como será compreendido um *ethos* pré-discursivo, isto é, como será criada a imagem pré-discursiva de um enunciador a partir de elementos extradiscursivos como vestes, porte, idade, gênero etc. São todos elementos pertencentes ao *mundo ético* do fiador e a este mundo o enunciador recorre a fim de criar uma imagem de si, bem como ao mesmo mundo recorre o fiador para compreender essa imagem. É por isso que nem sempre o *ethos* que se deseja criar é de fato alcançado: o *ethos* do enunciador depende de uma conjuntura maior do que ele próprio, sobre a qual, como sujeito, ele influi, mas não determina.

Para Maingueneau (2008), o *ethos* resulta da “corporalidade” que o enunciador dá ao seu discurso, da assimilação deste pelo destinatário e “essas duas incorporações permitem a constituição de um *corpo* da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso”. É válido lembrar que, variando as conjunturas históricas, os *ethé* (*ethos* no plural) serão diversos para o enunciador em cada conjuntura. Por essa razão, será diverso para cada época o *ethos* pré-discursivo e, enquanto tal, fala do que se pressupõe sobre o enunciador antes ou à parte de seu discurso.

Já o *ethos* efetivo dos sujeitos é formado pela ligação do *ethos* pré-discursivo, que já definimos, e ao *ethos* discursivo. Este se forma do *ethos* dito e do mostrado. O *ethos* dito se constitui das referências que o enunciador faz a si mesmo em seu discurso. Por exemplo, ele participa da criação de seu *ethos* ao enunciar “falo como se fosse seu pai” e “volto-me aos Senhores como um humilde em busca de perdão”. Os interlocutores se fiam a esta imagem dita e principiam a formar um *ethos* do enunciador, que pode ou não corresponder ao *ethos* que este enunciador ambiciona formar em torno de si. Agora o *ethos* mostrado são os próprios enunciados proferidos pelo enunciador. Este *ethos* se dá, pois, na fala do enunciador, o que pode resultar problemático na distinção entre o *ethos* mostrado e o dito. De fato, sua fronteira é tênue, mas distinguível.

3 DO *ETHOS* DE SANTIAGO

Nossa análise do *ethos*, já o dissemos, compreende a obra-prima de Ernest Hemingway (2012), “O velho e o mar”. A obra foi escrita em Cuba em 1951 e publicada

em 1952, embora já houvesse algum esboço dela há alguns anos, segundo o que Llosa (2004) afirma. É imprescindível, em vista de estudar o *ethos* da personagem principal Santiago, compreender o contexto de produção desse texto: a obra foi publicada em um período após as duas grandes conflagrações mundiais e no início da Guerra Fria entre soviéticos e americanos, ou, trocando em miúdos, comunistas e capitalistas. É um momento de crise, desespero e revoltas, mas, sobretudo, de mudanças na realidade histórica e socioeconômica que marcam discursivamente todo o livro em pauta, ainda que de maneira alegórica.

Hemingway lutara nas guerras e, à altura da escrita de “O velho e o mar”, já se entregara à prática do alcoolismo (LLOSA, 2004). O escritor passava por uma maré de azar e má escrita segundo o mesmo Llosa (2004), que criticou negativa e veementemente suas últimas obras. Nesse quadro, aparentemente, pouco impacto teria uma história de pescador, não fosse essa história ser a fábula que é de perseverança e força humana. “O velho e o mar” surge, portanto, de um contexto de temor global, desencanto do autor com o mundo com o próprio autor (que, aliás, se suicidaria anos depois). Apesar de tudo, o livro tem uma recepção fantástica desde leitores leigos até a crítica especializada. Sua “fórmula” é semelhante à das outras obras de Hemingway (LLOSA, 2004), porém o que elas não alcançaram foi uma construção tão exemplar e marcante como a do *ethos* de Santiago, que veremos agora. Logo no princípio da obra, já é feita a primeira incursão desse *ethos*:

Ele era um velho que pescava sozinho em seu barco, na *Gulf Stream*. Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava em sua companhia um garoto para auxiliá-lo. Depois disso, os pais do garoto, convencidos de que o velho se tornara *salao*, isto é, um azarento da pior espécie, puseram o filho para trabalhar noutro barco, que trouxera três bons peixes em apenas uma semana. O garoto ficava triste ao ver o velho regressar todos os dias com a embarcação vazia e ia sempre ajudá-lo a carregar os rolos de linha, ou o gancho e o arpão, ou ainda a vela que estava enrolada à volta do mastro. A vela fora remendada em vários pontos com velhos sacos de farinha e, assim enrolada, parecia a bandeira de uma derrota permanente. (HEMINGWAY, 2012, p. 13).

A primeira metade do trecho acima se refere à definição primeira e básica de Santiago: um velho azarado que há tempos não pescava peixe algum. Se antes era acompanhado de um garoto ajudante, agora este lhe era tirado por causa da maré de azar do pescador. Tamanha era essa maré que o velho é caracterizado como *salao*, gíria do espanhol falado em Cuba proveniente do adjetivo *salado*. Essa palavra é atravessada por uma polissemia conforme o contexto hispânico em que é enunciada: original e formalmente, sua tradução é “salgado”; na América do Sul, seu sentido pode ser o mesmo de “jovial”, “divertido”; já em países da América Central, sobretudo em Cuba, a palavra adquiriu o mesmo valor de “azarado”, “sem sorte”, justamente o efeito de sentido dado no livro em questão. O seu uso na forma de gíria também expressa, na obra, a proveniência da personagem Santiago: das margens da sociedade, por isso é provável que vivesse em uma região litorânea – aliás, vale lembrar que é pescador,

SANTIAGO, DE SALAO A MÁRTIR:
AS TRANSFORMAÇÕES DO *ETHOS* EM “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY

pressupondo pouca condição financeira. Isso se reafirma se considerarmos a necessidade de os pais do garoto o colocarem para ajudar a pescar, forma de complemento financeiro para o seu lar.

Já na segunda metade do trecho, caracterizam-se o barco e os instrumentos de navegação de que Santiago faz uso. Mais do que falar de si próprios, o barco e os instrumentos falam de Santiago, sua pobreza e decadência. A imagem do barco que retorna sempre vazio e a vela remendada parecem simbolizar aqui a “derrota permanente” de Santiago em face do mar. Em outras palavras, todos os objetos ligados a Santiago que surgem são contribuintes na formação do *ethos* pré-discursivo da personagem, dado que demonstram a pobreza em/de que vive e antecedem qualquer enunciado do velho na formação do *ethos*.

Depois, já no parágrafo seguinte, encontramos uma descrição física do protagonista:

O velho pescador era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios do sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. (HEMINGWAY, 2012, p. 13 e 14).

A descrição do novo trecho reforça o quadro anterior e reafirma o *ethos* de derrota, cansaço e, agora, de decadência física de Santiago. No novo trecho, temos um *ethos* pré-discursivo do protagonista, o qual acaba coincidindo com o *ethos* produzido que o leitor apreende, formando, finalmente, esse que, pode-se dizer, é o *ethos* primeiro de Santiago ou um primeiro *ethos efetivo*. Na continuação do primeiro terço do livro o que vemos é uma constante recorrência desse primeiro *ethos*. Logo após o trecho citado, acompanhamos outros pescadores fazendo troça do velho, que não reage nem se zanga. Seu silêncio, curiosamente, é parte do *ethos* discursivo que se produz sobre Santiago: além de tudo, ele é paciente, calmo e em certa medida passivo. Mais à frente há a descrição da casa do velho feita pelo narrador:

Seguiram juntos pela rua em direção à cabana do velho e entraram pela porta que estava sempre aberta. O velho encostou à parede o mastro com as velas enroladas em volta e o garoto pôs a caixa e as outras coisas no chão. O mastro era quase da altura do único quarto da cabana, que era construída de guano, a resistente madeira das palmeiras-reais. Dentro só havia uma cama, uma mesa, uma cadeira e um canto no chão sujo, onde se podia cozinhar a carvão. Nas paredes castanhas do duro guano viam-se uma imagem colorida do Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre. Ambas eram relíquias de sua mulher. Em tempos, houvera na parede uma fotografia da esposa, mas ele a tinha tirado porque se sentia muito só ao olhá-la todos os dias; agora estava escondida numa prateleira, debaixo de sua camisa lavada. (HEMINGWAY, 2012, p. 19).

A pobreza da frágil morada é inegável, dizendo, como o barco, mais sobre o *ethos* do velho do que sobre os objetos em si. O que há de novo no trecho é a afirmação da viuvez de Santiago e de sua religiosidade católica latente. A pobreza solitária e a fé são fatores fundamentais do *ethos* atual da personagem por gerarem empatia e serão decisivos para a mudança que esse *ethos* sofre *a posteriori*. Na mesma linha da pobreza, há depois (HEMINGWAY, 2012, p. 20) menções a uma rede e a uma panela de arroz com peixe que não existem, mas a que Santiago e seu interlocutor, o jovem Manolín, sempre se referem por triste hábito. Outra passagem importante vem a seguir:

Quando ele voltou, mais tarde, o velho Santiago estava dormindo e o sol já começava a baixar no horizonte. O garoto foi buscar a velha manta da cama e colocou-a sobre os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda poderosos embora muito velhos, e o pescoço também era ainda muito forte. Não se viam tanto as rugas quando estava dormindo assim, com a cabeça descaída para a frente. A camisa havia sido remendada tantas vezes que mais se assemelhava a uma vela, e os remendos, sob a ação do sol, tinham-se esbatido em diversos tons. A cabeça do velho era muito velha e, com os olhos fechados, não havia vida no seu rosto. Tinha o jornal estendido nos joelhos e o peso do braço impedia que a brisa da tarde o levasse. Estava descalço. (HEMINGWAY, 2012, p. 22-23).

No trecho acima se inscreve mais outro elemento no *ethos* da personagem principal: além de o velho ser pobre e ter fé, reconhecemos em Santiago um homem ainda forte, de ombros poderosos pelo olhar de Manolín, expresso pelo narrador. Eis o terceiro elemento decisivo na construção do *ethos* de Santiago. Essa força, que faz as vezes de persistência no desenrolar do livro, é notória e faz parte da ideologia que transpassa toda a obra.

Dando continuidade ao enredo, na manhã seguinte Santiago se levanta e resolve pescar mais além no horizonte. Lá, em uma viagem externa e interna que dura quase 80 páginas (HEMINGWAY, 2012, p. 31-119), ele se depara e confronta um peixe gigantesco como jamais vira igual. A batalha dura cerca de três dias e causa ao velho ainda mais sofrimento e cansaço. Dissemos que a fé, a solidão e a força são elementos essenciais para o decorrer da história: é que o pescador optou por essa “missão” de ir longe sozinho e, embora árdua e cansativa, persistiu nela. Sua força, portanto, é não apenas física, mas de caráter. Essa força de caráter é o elemento mais forte de seu *ethos* ao longo das 80 páginas citadas e se encontra em todas as passagens em que ele reafirma persistir na sua empreitada de pescar o peixe gigante, pelo qual possui profundo respeito e reverência, talvez se espelhando nesse mesmo peixe.

Depois de conseguir pescá-lo com muito custo, o pequeno barco de Santiago começa a ser atacado por tubarões famintos (HEMINGWAY, 2012, p. 101). Nesse episódio, o desfecho da empreitada marítima, o que mais importa para o *ethos* da personagem é o monólogo que ela realiza, visto que é nesse momento que se opera a mudança do *ethos* primeiro para o *ethos* segundo de Santiago. Em um olhar amplo, na verdade todo o episódio da ida mais longe ao mar é composto por monólogos. A

SANTIAGO, DE SALAO A MÁRTIR:
AS TRANSFORMAÇÕES DO ETHOS EM “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY

diferença deste com os anteriores é que, embora não houvesse pessoa com que Santiago falasse, havia o grande peixe, pequenos peixes e aves, todos representando a figura de interlocutores, além do próprio Santiago. Dado que todo diálogo pressupõe um interlocutor, não sendo possível “conversar sozinho” segundo Bakhtin e Volochinov (1992), o diálogo no clímax da obra é realizado essencialmente entre Santiago e ele mesmo, espécie de outro eu. Tal diálogo fica claro por meio das suas diferentes manifestações: ora o pescador fala, o que na obra é marcado pelo uso do travessão, ora ele somente pensa, o que é marcado pelo uso das aspas. O narrador da obra, observador onisciente, permite que transpareçam os pensamentos monológicos de Santiago e, ao mesmo tempo, que se diferenciem as falas dos Santiagos falante pensante, que são apenas dois em um só.

O monólogo em pauta consiste em uma série de conjunções adversativas “mas” (HEMINGWAY, 2012, p. 104 a 107) introduzindo cada fala ou pensamento. Esse processo de oposições constantes em relação às falas anteriores, sempre retomado pela partícula citada, marca linguisticamente a agonia da personagem cambiante, visto que suas opiniões são desestabilizadas e o velho passa a questionar os feitos e os acontecimentos daqueles dias. A situação de Santiago é extrema e ele o reconhece sem hesitar em seguir lutando: “não passo de um velho, mas ainda estou armado” (HEMINGWAY, 2012, p. 105). Sua ideologia de persistência faz com que não desista de retornar a terra e de levar o peixe o mais inteiro possível, mesmo que suas chances sejam poucas sem armamento mais pesado ou apoio de outrem. Assim, concomitantes, o monólogo e o episódio do ataque dos tubarões se seguem.

Continua o jogo de contradições e oposições do velho até que finalmente, depois de ataques incessantes dos tubarões, que deixaram apenas os ossos do peixe, o velho chega à praia (p. 119). Nesse episódio não há mais falas ou pensamentos; há apenas a descrição objetiva do narrador acerca dos acontecimentos, muito embora essa mesma descrição seja marcada por vários atravessamentos ideológicos: o discurso da persistência, da fé e da força. Aqui o *ethos* segundo da personagem alcança seu ápice:

Recomeçou a andar e, no topo da rampa, caiu no chão e ficou deitado durante alguns momentos com o mastro ainda aos ombros. Tentou levantar-se. Mas era esforço excessivo e ficou sentado com o mastro aos ombros, olhando para a estrada. Um gato passou correndo do outro lado da rua e o velho observou-o. Em seguida olhou pra a estrada e ficou observando-a também. Finalmente pôs o mastro no chão e levantou-se. Tornou a pegar no mastro, pô-lo aos ombros, e começou de novo a caminhar. Teve de sentar-se cinco vezes antes de chegar à cabana. (HEMINGWAY, 2012, p. 120).

O intertexto com a *Via Crucis* cristã é evidente. Tanto o Cristo bíblico quanto Santiago carregam grandes instrumentos de madeira (a cruz e o mastro respectivamente). O caminho lhes é igualmente árduo devido ao cansaço da última noite e dos últimos dias. A comparação com Cristo chega aos extremos no segundo parágrafo, em que se afirma que Santiago parou várias vezes com o mastro nas costas, não sendo capaz de continuar sem descansar, à maneira de Cristo exausto em sua caminhada rumo ao Gólgota. Uma vez em casa, Santiago assume sua derrota em diálogo com Manolín: “–

Venceram-me, Manolín – falou a custo – Venceram-me, de verdade. / – *Ele não o venceu. O peixe, não. / – Não. Você tem razão. Foi depois*” (HEMINGWAY, 2012, p. 124). Ainda assim, essa derrota parece relativizada pelo peixe que logrou pescar, mesmo que deste só reste a carcaça esquelética. Símbolo da cristandade e do próprio Cristo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 780), o peixe que também resiste, se bem que reduzido ao seu mínimo, espelha Santiago em mais um atravessamento discursivo da Bíblia.

O desfecho da narrativa dá a entender que Santiago morre: deitado na sua cama, sonhava com suas viagens, o que cria um clima onírico para todo esse final aberto: “Lá em cima, na cabana, o velho estava dormindo de novo, com o rosto escondido no monte de jornais que lhe servia de almofada. O garoto estava sentado a seu lado, observando-o. O velho sonhava com leões” (HEMINGWAY, 2012, p. 126). Interessante observar os jornais como mais um elemento caracterizador da pobreza de Santiago: embora os leia, sua função é mudada, assim como o *ethos* da personagem; ou seja, se antes a função dos jornais era de leitura, esta se desloca para servir de lugar de descanso após todos os feitos e a derradeira transformação do *ethos*. Os leões são, igualmente, um atravessamento discursivo polissêmico: sugerem a ideia da força nos enfrentamentos de Santiago, mas também fazem lembrar o martírio dos primeiros cristãos em Roma, condenados a ser esfaqueados pelas feras.

Os últimos trechos vistos são símbolos da transformação de Santiago: de *salao* a mártir, ou seja, de pescador azarado a figura heroica comparável a Cristo. É um Santiago não menos cansado, contudo enaltecido, singular como nunca e que testemunha a força que todo homem guarda dentro de si. Vargas Llosa, a despeito de trabalhar com uma análise distinta da nossa, sugere a transformação nesse segundo *ethos* de Santiago:

O leitor percebe no enfrentamento do velho Santiago contra os inimigos silenciosos que acabariam por derrotá-lo uma descrição de algo mais constante e universal, o desafio permanente que é a vida para os seres humanos, e este ensinamento espartano: que, enfrentando essas provas com a valentia e a dignidade do pescador da história, o homem pode atingir uma grandeza moral, uma justificativa para sua existência, mesmo que termine derrotado. Essa é a razão pela qual, ao regressar à vila de pescadores onde vive [...] com o esqueleto inútil do peixe-agulha devorado pelos tubarões, exausto e com as mãos ensanguentadas, parece-nos alguém que, na experiência que acabou de protagonizar, agigantou-se moralmente e superou a si mesmo, transcendendo as limitações físicas e psíquicas dos comuns mortais. [...] Santiago, no dia seguinte ao seu retorno, é mais respeitável e digno do que era antes de zarpar. (LLOSA, 2004, p. 227).

É esse o *ethos* final de Santiago, curiosamente atingido quando da sua provável morte, o que significa muito: mesmo mortos, os *ethé* dos sujeitos continuam existindo e se alterando, sujeitos aos atravessamentos discursivos. Aliás, um olhar mais profundo revela o quanto a morte do protagonista contribui para a formação de seu *ethos* de mártir, porque a morte é a redenção máxima pela qual Santiago passa, assim como, por intertexto, a personagem de Cristo na Bíblia. E, assim como Cristo tinha apóstolos, Santiago possuía Manolín, fiel seguidor e herdeiro dos ensinamentos do velho pescador.

SANTIAGO, DE SALAO A MÁRTIR:
AS TRANSFORMAÇÕES DO *ETHOS* EM “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY

Manolín não está nada distante da figura de Pedro, que é obrigado a negar Cristo (como Manolín é obrigado a abandonar o velho no começo do livro), mas que se arrepende e aprende com os ensinamentos do mestre. Em outras palavras: o atravessamento do discurso bíblico, do Cristo que perdura na figura de seus seguidores, faz parte do *ethos* de Santiago, o qual perdura na figura de Manolín, que deve resistir como Santiago.

Quer se trate do discípulo Manolín, quer se trate de Santiago, o fato é que o livro se encerra com um discurso de resistência ou persistência. Publicado originalmente em 1951, como dissemos, o livro vem à luz logo após a terrível *era das catástrofes* – termo com o qual o historiador Eric Hobsbawm (1995) define o intenso período bélico e genocida estendido desde o fim da *Belle Époque* e o estopim da *Primeira Guerra Mundial* (1914) até a derrota da Alemanha e do Japão na *Segunda Guerra Mundial* (1945). Apesar da aparente tranquilidade dos anos 1950, uma nova ameaça à ordem global pairava: a guerra atômica como realidade possível e às vésperas de acontecer em meio às tensões entre capitalismo e comunismo. Hemingway, um americano em plena Cuba, vivia um entrelugar, um espaço de cruzamentos tensos e sua mensagem, em “O velho e o mar”, está intrinsicamente relacionada a esse seu contexto pessoal e mundial. Hemingway, ademais, propaga o discurso de resistência como chave para a sobrevivência humana: a sobrevivência dos pequenos homens, na esteira interpretativa de Llosa (2004), mas também a sobrevivência da humanidade frente à barbárie bélica anunciada. Percebe-se que “O velho e o mar”, curiosamente, fala o tempo todo *de* e *ao* seu tempo histórico, na medida em que é atravessado pelos discursos circulantes e a eles responde de modo metafórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Hemingway alcançou seu valor pelo domínio literário de sua matéria romanceada e pelos seus atravessamentos discursivos. O escritor foi capaz de mobilizar intertextos discursivos bíblicos em seu enredo que deram força a sua alegoria, cujo fim era a propagação de um discurso de resistência ou de persistência. Tal discurso não só respondia aos temores de sua época, mas ainda hoje encanta pela maestria e beleza de sua formulação na figura de Santiago. O escritor elaborou um percurso *ético* (relativo ao *ethos*) da personagem Santiago, que começa sendo um pescador solitário, velho, pobre e forte (*ethos* primeiro) e termina revalorizando essas características na construção de um *ethos* segundo de martírio, muito identificado com aquele vivido pelo Cristo bíblico. Com isso, o escritor lega à posteridade uma mensagem positiva e confirma o poder da linguagem nas construções discursivas, sempre valendo-se dos discursos sociais nas (re)construções e atravessamentos de sentido, mesmo (e sobretudo) quando alegóricos como em “O velho e o mar”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso**. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2005. (Texto digitalizado no Portal do Museu da Língua Portuguesa). Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Analisando-o-discurso.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

GEDRAT, Dóris. **Análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. 77. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. 3. ed. São Paulo: Arx, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-32.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2002

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de discurso e psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.